



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

EMANCIPAÇÃO OU REIFICAÇÃO: olhares que se entrecruzam na educação

Andréa Kochhann
(UEG - Câmpus São Luis de Montes Belos e Jussara)
Ândrea Carla Machado de Moraes
(MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia)
Douglas Correia dos Santos
(UEG - Câmpus São Luís de Montes Belos)

RESUMO: Este trabalho pretende discutir a concepção de Marx sobre reificação, a concepção de Gramsci sobre emancipação e a dialética entre reificação e emancipação na educação, configurando olhares que se entrecruzam na identidade do professor por sua formação acadêmica. A discussão se faz com base na revisão literária de Marx e Gramsci. As universidades, inseridas no sistema neoliberal, têm a função de formar os professores. Esses professores têm ao longo de sua formação o delineamento de sua identidade. Essa identidade pode visar a reificação ou a emancipação do sujeito. Eis a discussão.

PALAVRAS-CHAVES: Educação. Emancipação. Identidade Docente.

INTRODUÇÃO

Este artigo compõe o Simpósio “Identidade do professor” do evento “XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira (ENFOPLE), IV Simpósio de Prática e Ensino de Línguas (SIMPEL), IV Seminário de Estágio do Ensino Fundamental e VI Mostra de Curtas da Educação Infantil” da UEG Câmpus Inhumas.

Os discursos fazem parte de uma monografia, um mestrado e um doutorado, dos componentes do GEFOP - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, da UEG Câmpus São Luis de Montes Belos. Pretende-se dialogar sobre a teoria marxista e a gramsciana, com contribuições de Meszáros, Saviani e Silva, delineando as conversas sobre as relações do homem com a natureza e o próprio homem, ao se fazer um ser histórico e social, perante um sistema capitalista.

O objetivo é mostrar que a educação segue o modelo hegemônico ideológico da ordem vigente que apenas reproduz os ideais da classe dominante, com isso, a legitimação e a



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

vinculação do sistema educacional na formação da mão de obra servem aos estigmas alienantes do capital. Essa que reflete as circunstâncias do modo de produção e, a consciência dos homens, é fruto das relações com tais circunstâncias.

Nesse contexto se encontra a educação e a identidade docente é fruto desse processo. A universidade pública precisa (re) pensar seu papel formador para romper com a conservação social pela reificação e buscar a emancipação dos sujeitos. Uma forma de acontecer a emancipação é com a perspectiva da tendência histórico-crítico. Eis os olhares que se entrecruzam na educação.

A Concepção de Marx sobre Reificação

Discutir a questão da concepção de Marx sobre a reificação em tempos atuais pode ser um desafio histórico ou um encontro teórico. Desafio histórico se levarmos em conta que Marx viveu no século XIX. Encontro teórico se levarmos em conta que Marx foi um teórico além do seu tempo e o que anunciava naquela época está ocorrendo com fervor em tempos atuais. Por vez para discutir a temática é preciso conceituar o ser que passa por essa situação.

O ser em questão é o humano. O ser humano precisa ser considerado em sua plenitude, enquanto um sujeito histórico e cultural, como já apresentava Marx (1979). Este sujeito é emocional e racional. Dentro de um contexto histórico esse ser humano trabalha para o seu sustento. Pelo trabalho, o ser humano, transforma a natureza e a si mesmo. Essa atividade humana o faz diferente dos outros animais. Essa diferença torna o ser humano em um ser social e político.

O homem enquanto um ser social desempenha importante papel para a engrenagem da sociedade e também para o sua (des)humanidade. O homem enquanto um ser político desempenha papel de transformador ou reproduzidor dos movimentos socioeconômicos a medida que se posiciona politicamente. Na visão de Marx (1979) o homem deveria ser mais político. Contudo, a forma como a sociedade mascara a forte divisão de classe social faz com que o homem da massa populacional seja uma marionete nas mãos do homem da classe dominante.

Uma forma que viabiliza essa oposição entre homens é pelo trabalho. Uma classe é dona da força de trabalho e a outra classe é dona dos instrumentos de trabalho. Na busca pela sobrevivência o homem da força de trabalho muitas se submete aos mandos e desmandos do homem dono dos instrumentos de trabalho. Mesmo tendo consciência dos abusos, o homem da



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

força de trabalho não tem outra opção sem ser a submissão ou subordinação.

Conforme escritos de Marx (1979) é pelo trabalho que a subordinação do homem pelo homem também se firma. Dependendo da forma de subordinação ocorre o processo de reificação. Marx (1979) apresenta que o processo de reificação deve-se ao sistema capitalista cada vez mais presente na sociedade ocidental. O capitalista visa o excedente que promove o lucro. Quem lucra é o dono dos instrumentos de trabalho. Quem produz inclusive o excedente é o dono da força de trabalho. Quem usufrui da produção e do lucro não é quem produz. Isso gera a alienação no sentido de que aquilo que você produz você não desfruta.

Nessa concepção alienação está intimamente ligada a reificação. Conforme Marx (2005, p. 52) “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência.”. Assim, o homem da força de trabalho pode assumir a consciência de que essa relação de submissão é normal e que não há outra forma de sobrevivência.

Deste modo, os homens estão condicionados ao modo de produção, que desvela às circunstâncias econômica, política e ideológica. Sendo a classe que detém a força material e espiritual da sociedade que comanda essas forças produtivas. E Isso reforça as diferenças entre as classes sociais, persuadindo as relações sociais na concorrência de mercado. Essas questões estão postas na escola.

Marx reafirmava, segundo Lombardi (2008, p. 15) “[...] a educação se convertia em instrumento de dominação ideológica, um meio para que a burguesia se consolidasse como classe hegemônica e, nessa condição, exercesse o poder.”. Com o neoliberalismo isso somente se agravaria. Marx e Engels (1977, p. 118-119)

Os homens são produto das circunstâncias e da educação [...] e de circunstâncias diferentes [...] A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora.

Logo, essas circunstâncias são criadas pelo próprio animal social, nas suas relações com os agentes do modo de produção de como os seres se adapta junto a tal regime social. O capitalismo segundo Marx (2011) degradou toda e quaisquer relações sociais nas suas personificações, isto é, a família, a religião entre outras e como este modelo condiciona o homem à lógica da supremacia dos interesses de classes sociais. Já que a necessidade de mercado



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

instalou-se por toda parte do globo terrestre com a exploração do mercado mundial.

Deste modo, o sistema capitalista nas suas contradições se manteve intacto pela sua capacidade de mutação e adaptação, evolui e se mantém como sistema vigente e a educação serviu e serve como meio de viabilizar tais interesses. A dicotomia entre educação/trabalho configura o esboço paralelo de conservação social e emancipação humana que é nitidamente um processo de reprodução e produção dos ideais da sociedade. A materialidade do sistema capitalista apresenta a predominância do poder que subjuga o homem a sua lógica coerciva.

Enfim, os homens na produção não são passivos, independentes de suas consciências segundo Marx (2005, p. 52) “os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; estas relações de produção correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.”. Ainda afirma Marx (2005, p. 52) que “[...] não é a consciência dos homens que determina a sua existência. É, pelo contrário, a sua experiência social, que determina a sua consciência”.

Assim as ideologias no modo de produção capitalista é, a capacidade de se manter como ordem do regime vigente. Pelas suas personificações, mantém sua base primaria de exploração do trabalho, por isso na sociedade capitalista como diz Ridenti (2001, p. 27) que “não haverá libertação humana enquanto a indústria estiver embasada na produção da mais-valia, na alienação do trabalho, no fetiche da mercadoria a coisificar, desumanizar as relações sociais”. Essas ideologias necessitam da produção intelectual, reafirmando o que Marx dizia, Gramsci fala sobre a produção intelectual.

A Concepção de Gramsci sobre Emancipação

O homem como uma formação “omnilateral” é a concepção de Gramsci, no intuito de que o mesmo deve ser integral, técnica e política, conforme apresenta Silva (2015). A leitura que se faz da concepção de Gramsci é que a educação deve possibilitar a transformação dos indivíduos em sujeitos emancipados, que sejam autônomos de pensamento, de conhecimento e de ações.

Gramsci (2000) assevera que a “Escola do Trabalho” é uma forma que pode alcançar a emancipação dos sujeitos. O objetivo da Escola do Trabalho, na concepção do autor é de unidade teoria e prática, visando um conhecimento crítico, autônomo, complexo, criativo e dialético. Essa linha de trabalho é oposta da concepção neotecnicista. Pela concepção de uma formação



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

emancipadora, Gramsci (1979, p. 7) apresenta que “[...] todos os homens são intelectuais”.

Para o autor o que falta é o desenvolvimento dessa intelectualidade e que, o papel do professor é de mediar esse desenvolvimento, seja na escola ou na universidade. Por isso, a relevância da interação teoria e prática nas atividades educacionais. A teoria gramsciana apresenta que todos os homens devem ter acesso ao conhecimento e desenvolver suas capacidades de forma que alcancem a emancipação.

Na visão de Gramsci (2000) somente com uma educação emancipadora a sociedade se transformará. Assim, a sociedade deixaria de ser burguesa para ser emancipadora. Schlesener (2002, p. 69) afirma que “A escola do trabalho defendida por Gramsci tinha características especiais: supunha não só a formação para o trabalho, mas a possibilidade da elaboração de uma cultura autônoma, bem diversa da cultura burguesa.”

Com base nessa questão é que Gramsci (2000) afirma que a escola do trabalho que é pautada na prática, na ação e no fazer, tem como objetivo maior a compreensão da realidade para a intervenção visando à transformação, de forma teorizada e crítica. O sujeito emancipado mesmo inserido em uma sociedade burguesa tem mais condições de não alienação do trabalho, do lazer e da cultura. É papel da educação possibilitar a emancipação.

Saviani (2008) ao concordar com a teoria gramsciana, defende que a educação deve buscar a valorização do ser humana e isso induz a formação para a emancipação e não para a reificação. Nesse contexto, o trabalho pedagógico deve abandonar a tendência tradicional e valorizar a histórico-crítica. Saviani (2008, p. 93) afirma que essa tendência deve “[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação [...]”.

Corroborando com a concepção de Saviani (2008), Silva (2015, p. 22) retoma a importância de uma educação crítica-emancipadora em que o trabalho pedagógico vise a transformação do mundo pelo conhecimento teórico e prático, que pode se efetivar por meio da indissociabilidade teoria e prática, ou seja, da práxis, pois “A concepção de formação de professores na perspectiva crítica-emancipadora busca construir a indissociabilidade de teoria e prática na práxis.”

Destarte, a educação deve ter como premissa a emancipação dos sujeitos. Para tal, salienta-se que a identidade dos professores precisa ser delineada com base em uma concepção crítica-emancipadora. Essa identidade de professor se faz em cursos de formação inicial e continuada. A participação em eventos científicos também fomenta a identidade.



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

CONSIDERAÇÃO

O que é possível perceber em eventos de educação e discussões de modo em geral, é que a sociedade regida pelo capitalismo neoliberal tem levado os sujeitos a se submeterem cada vez mais, pois a educação para a massa populacional tem a intenção apenas de reforçar o sistema e as relações de submissão. Atender a demanda do mercado é o foco da formação neoliberal. A defesa que este texto carrega em si, é que a educação mesmo em um sistema econômico neoliberal que busca a reificação do trabalhador deve possibilitar a emancipação dos sujeitos.

O discurso neoliberal é de que a escola deve ser laica, pública, gratuita e obrigatória. Esse discurso camufla o sentido de formação de mão de obra para atender o mercado. A diplomação da massa populacional pode não passar de mera objetivação do trabalhador, que agora é ainda mais alienado por ser o analfabeto funcional. A formação técnica é o alvo do neoliberalismo, enquanto que a formação crítica deve ser evitada.

Meszáros (2008, p. 42) diz que “as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital.”. Isso significa que o papel das escolas e, principalmente das universidades, por formar o formador, deve ser de propiciar a construção do conhecimento tendo como alicerce a interpretação, a análise e a crítica, que favorece a autonomia de pensamento e de suas ações e por consequência a emancipação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, A. **CADERNO 12** – Documento Especial In: História & Perspectivas n.5. Uberlândia, 1991.

GRAMSCI, A. **OS INTELLECTUAIS E A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA**. RJ: Civilização Brasileira, 1979.

GRAMSCI, A. **CONCEPCÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **CADERNOS DO CÁRCERE**. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **CONCEPCÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.



XI Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

GRAMSCI, A. **ANTONIO GRAMSCI**. Monasta Atílio. Tradução: Paolo Nosella. Recife: In: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_V_coloquio/Conferencia%20Dermeval%20SAVIANI.pdf, 2008c.

LOMBARDI, J. C. Educação, Ensino e Formação profissional em Marx e Engels. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs.). 2. ed. **MARXISMO E EDUCAÇÃO: debates contemporâneos**. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2008.

RIDENTI, Marcelo. Classes sociais e representação. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, K e ENGELS, F. **A IDEOLOGIA ALEMÃ: teses sobre Feurbach**. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, K. e ENGELS, F. **MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. **MANUSCRITOS ECONÔMICOS E FILOSÓFICOS**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

MARX, K. **O CAPITAL: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, Antônio, 1979.

MARX, K. **SALÁRIO, PREÇO E LUCRO**. Trad. Paulo Ferreira Leite. 4 ed. São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, K. **SOBRE A QUESTÃO JUDAICA**. São Paulo: Boitempo, 2010. In: <file:///C:/Users/andrea/Downloads/17295-92977-1-PB.pdf>

MARX, Karl. *O Capital*. 1º Tomo. Consulta no endereço: In: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>

MONASTA, Atílio. **ANTONIO GRAMSCI**. Tradução: Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

SILVA, K.A.C.P.C. e CRUZ, S.P.S.S. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A QUESTÃO DA CATEGORIA CULTURA: contribuições do marxismo**. Revista Lugares de Educação [RLE], Bananeiras-PB, v. 5, n. 10, p. 181-196, Jan-Jul., 2015 ISSN 2237-1451 Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>

SILVA, K.A.C.P.C. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA CRÍTICO-EMANCIPADORA**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011.

SILVA, K.A.C.P.C. **PROFESSORES COM FORMAÇÃO STRICTO SENSU E O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA DE GOIÂNIA: realidade, entraves e possibilidades**. Tese. Goiânia: UFG, 2008.